



/ NOTAS ESPORTIVAS

Brasileirão - Pela 29ª rodada, às 19h30min, tem Santos x Flamengo. às 20h, jogam Athletico-PR x Atlético-MG, e às 21h30min: Fluminense x Coritiba e Palmeiras x Bahia.

Série B - Pela 32ª rodada, às 19h30min, se enfrentam Náutico x Novorizontino e Ceará x Criciúma.

Goiás - Em meio a uma grave crise financeira e atrasos salariais, o presidente executivo, Aroldo Guidão Filho, renunciou ao cargo. Munir Calixto Júnior, que era vice-presidente jurídico, assumiu a vaga.

Fifa - Ramon Vega, ex-zagueiro do Tottenham, declarou sua intenção de concorrer à eleição presidencial da Fifa no próximo ano contra seu compatriota suíço Gianni Infantino, tornando-se o primeiro candidato a declarar publicamente sua ambição de desafiar o atual mandatário.

Futebol Internacional - A Fifa se manifestou após vir à tona uma suposta irregularidade na inscrição do goleiro Lionel Mpasí, da República Democrática do Congo, em partidas das eliminatórias africanas e na Copa do Mundo 2026. A entidade negou qualquer tipo de problema na inscrição do atleta e afirma que o jogador estava elegível para os compromissos da seleção.

Tênis - As quartas de final do WTA 1000 de Pequim começam nesta quinta-feira e a dupla formada pela brasileira Luísa Stefani e a canadense Gabriela Dabrowski enfrentam a italiana Sara Errani e Jasmine Paolini, atuais campeãs olímpicas, por volta de 9h30min.

Tênis de Mesa - O brasileiro Hugo Calderano busca nesta quinta-feira a terceira vitória seguida no China Smash 2026, em Pequim, um dos principais torneios do circuito mundial. Além de reunir os atletas mais bem ranqueados do planeta, a competição distribui pontuação máxima (2.000 pontos aos vencedores). A partir das 8h45min (horário de Brasília), o carioca terá pela frente o alemão Patric Franziska (22º no ranking) pelas oitavas de final.

Fórmula 1 - A Williams entrou em uma disputa judicial no Tribunal Superior de Londres, na Inglaterra, após o desaparecimento de um carro histórico de Fórmula 1 utilizado por Ralf Schumacher e Juan Pablo Montoya na temporada de 2001. A equipe inglesa busca recuperar o veículo ou receber uma indenização superior a um milhão de libras (cerca de R\$ 7 milhões).

Maternidade e futebol: atletas do Inter conciliam carreira e família

Sole Jaimes e Kelly compartilham experiências sobre gravidez e a importância do apoio dos clubes

/ INTER

Filipe Plentz Munari
filipem@jcrs.com.br

A maternidade ainda é uma decisão que pode gerar insegurança para atletas de alto rendimento. O medo de perder espaço, ficar longe dos gramados ou não receber apoio dos clubes faz com que muitas jogadoras adiem o sonho de formar uma família. No Inter, porém, Sole Jaimes e Kelly Chiavaro vivem essa realidade de outra forma. Mães e atletas, elas mostram que é possível conciliar a carreira com a vida familiar.

Sole Jaimes, atacante argentina de 37 anos, tem uma longa trajetória no futebol feminino. No Brasil, passou por Santos, Flamengo e 3B da Amazônia. Fora do País, atuou por Napoli (Itália), Boca Juniors (Argentina), Changchun Dazhong (China) e Lyon (França). Chegou ao Internacional no início de 2026.

Kelly Chiavaro, goleira canadense de 29 anos, também chegou ao clube recentemente. As duas se conheceram no Napoli, em 2021, quando atuaram juntas. Desde então, a parceria extrapolou o futebol e se transformou em um projeto de vida. Em 2023, nasceu Aurora.

Sole, que teve a filha durante a carreira, conta que a gravidez foi planejada. A atacante continuou treinando até o sétimo mês de gestação e retornou aos trabalhos cerca de dois meses após o nascimento. “Eu já tinha planejado toda a minha vida. Se eu não tivesse uma lesão de joelho aos 35 anos, ficaria grávida. Graças a Deus nunca tive uma lesão, então, quando conheci a Kelly, falamos que seria eu. Queria sentir, queria levar no meu ventre”, relata.

O retorno aos gramados também foi encarado com naturalidade. Para Sole, aceitar as mudanças físicas e aproveitar a experiência foi fundamental para tornar o processo mais leve. “Me entreguei ao processo e desfrutei. Se tinha que subir de peso, subia, depois iria baixar. Se estava mais lenta ou me custava caminhar, estava tudo bem, era por causa da gravidez. Queria muito ser mãe e desfrutei de cada momento”, relembra.

A experiência de Sole também serviu de exemplo para outras jogadoras. Segundo ela, atletas passaram a procurá-la para saber sobre gravidez, retorno aos campos e preservação da fertilidade. “Queria mostrar para o futebol que a gente consegue voltar, que pode trabalhar, ser atleta de alto nível, mas também pode formar uma família”, explica.

Kelly, por sua vez, destaca que não existe um momento ideal para ser mãe durante a carreira. Cada atleta precisa avaliar sua situação profissional e pessoal. “Realmente não existe um momento bom. São nove meses que você fica longe dos campos. Cada pessoa tem uma realidade diferente”.

Nesse cenário, a possibilidade de congelar óvulos surge como uma alternativa para ampliar as escolhas das atletas. Sole e Kelly destacam a importância de iniciativas de ligas e federações que ofereçam esse tipo de suporte, permitindo que as jogadoras preservem a fertilidade enquanto seguem suas carreiras.

No Inter, as duas afirmam encontrar apoio para conciliar a rotina. Aurora pode acompanhar as mães em determinadas viagens e atividades, enquanto o clube auxi-



Goleira canadense e atacante argentina com a filha Aurora, de 3 anos

lia na organização. Para Sole, o suporte recebido é fundamental. “Desde que fiquei grávida, ou para trazer a Aurora, nunca tive problema. Os clubes sempre foram maravilhosos conosco”, conta.

Apesar dos avanços, as jogadoras defendem que ainda há espaço para melhorias. A discussão, segundo elas, precisa chegar também às categorias de base, com mais informação sobre saúde, maternidade e planejamento familiar.

Mais do que uma questão individual, Sole e Kelly enxergam a maternidade como parte da busca por

igualdade no esporte. Para elas, ter filhos não deveria significar o fim de uma carreira. “O talento não vai embora porque você ficou grávida”, resume Sole.

A Federação Espanhola de Futebol (RFEF) também passou a discutir medidas para preservar a fertilidade das atletas. A iniciativa prevê apoio ao congelamento de óvulos, permitindo que jogadoras possam adiar a maternidade sem precisar abrir mão, necessariamente, de uma fase importante da carreira. A própria federação custeará o tratamento.

Despedida de Messi da seleção ainda é o assunto na Argentina

/ ARGENTINA

Mauro Belo Schneider, de Buenos Aires
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

O mundo do futebol viu uma das suas maiores estrelas da história se despedir de sua seleção nacional na noite de terça-feira. Em um Estádio Monumental de Núñez, em Buenos Aires, completamente lotado, o gênio da bola Lionel Messi deu adeus à seleção de seu país em uma vitória de 3 a 0 sobre o Benim. As mais de duas

décadas do craque representando a Argentina foram de idas e vindas, como uma grande história de amor. Por vezes odiado, por vezes amado, Messi foi o símbolo de uma geração que recuperou a respeitabilidade da seleção, levando-a ao topo do mundo mais uma vez.

Nas bancas de jornais e revistas de Buenos Aires, o assunto é o fim da jornada daquele que disputa com Maradona o posto de maior jogador argentino de todos os tempos. Messi jogou por 21 anos na seleção argentina

e a relação que construiu com a sua torcida hoje é de sinergia.

A despedida do capitão que recolocou a Argentina no topo do mundo do futebol lotou totalmente o estádio do River Plate - 85 mil pessoas compareceram à partida - e até quem sobrevoava Buenos Aires de avião conseguia perceber o clima no estádio. Na partida final, Messi marcou um gol de pênalti e deu duas assistências para os gols de Otamendi e Nico Paz.

Em sua história com a camisa listrada de branco e azul, o craque

fez 208 jogos, com 126 gols e 70 assistências. Suas principais conquistas foram a Copa do Mundo de 2022 e as Copas América de 2021 e 2024.

Mesco com o fim da carreira na seleção, a imagem de Messi continua presente na Argentina, assim como a de Maradona, e, apesar do sentimento da saudade que já aperta o peito dos “Hermanos”, não são todos os argentinos que estão tristes, como é o caso do porteiro Mário. “Há reposições. Há jovens. Há substituições”, aponta.